



Mulheres no Trabalho Informal: Globalizando e Organizando

Série Vida dos Trabalhadores

Março 2012

Deus é meu Despertador¹

Por Deia de Brito²

Dona Maria Brás foi uma força incansável na luta das cooperativas de catadores brasileiros contra a perseguição e por condições dignas de trabalho e segurança social.



Dona Maria Brás pega o ônibus para chegar a tempo de começar seu turno de trabalho às 7h, na ASMARE, a associação de catadores onde ela trabalha há 20 anos. Após descer de um segundo ônibus, para e cumprimentar um vendedor de rua que faz uma vitamina de mamão para ela.

Nesta manhã e em todas as outras, Dona Maria Brás acorda um pouco depois das cinco horas, sem despertador. O céu está escuro e as lâmpadas em sua casa são fracas. Deus é meu despertador”, diz a mulher de pele castanho-escura, enquanto mergulha um pão seco num café doce. Ela enche uma marmitta com um almoço de arroz e feijão para um longo dia de trabalho. Depois, alimenta uma família de cães que esperam, atrás da porta da cozinha, a sobra de comida. Aos 65 anos e com nove filhos, gosta de falar que é mãe de todo mundo. Ao longo dos anos ela tem adotado crianças e as cria como se fossem suas.

O sol começa a nascer em Belo Horizonte, a terceira maior metrópole do Brasil. Uma cidade montanhosa na Região Sudeste do País, Belo Horizonte é conhecida tradicionalmente como o centro da indústria de mineração para essa região.

Durante a semana, as lojas do centro e os vendedores ambulantes aproveitam o movimento caótico nas calçadas, e, cada domingo, a feira “hippie” fecha uma avenida central do centro. Os vendedores – que no passado vendiam produtos artesanais feitos de pedras regionais, metal e madeira – nos últimos anos têm oferecido joias baratas e bugigangas importadas da China. É uma mudança que tem acontecido com mais frequência no Brasil à medida que o país se torna uma das maiores economias de consumo no mundo.

Dona Maria Brás pega o ônibus para chegar a tempo de começar seu turno de trabalho às 7h, na ASMARE, a associação de catadores onde ela trabalha há 20 anos. Após descer de um segundo ônibus, para e cumprimenta um vendedor de rua que faz uma vitamina de mamão para ela.



Belo Horizonte. Foto: Wikimedia Commons

¹ Deia de Brito é jornalista residente no Rio de Janeiro. Ela se graduou recentemente pelo Programa de Mestrado em Jornalismo de Berkeley. Cresceu entre Califórnia, Massachusetts e Brasil.

² Esta é uma versão traduzida do original em inglês "God is my alarm clock", WIEGO Workers' Series (versão modificada de um artigo publicado no *New Internationalist*)



O galpão de catadores da ASMARE. Foto: L. Tuttle

A associação fica na *Avenida do Contorno*, que circunda a parte central de Belo Horizonte. Em algumas partes desse contorno, a avenida circunda bairros de classe média alta, cheios de boutiques e condomínios, um deles famoso por ter sido desenhado por Oscar Niemeyer.

Mas onde a avenida circunda as bordas do centro, perto da rodoviária e de armazéns comerciais, a avenida se torna mais hostil. Aqui, ela passa por cima do Rio Arrudas, onde alguns corajosos moradores de rua armazenam os seus bens em bordas perigosamente estreitas.

Nessa área, chamada hipercentro, em que fica a maioria dos depósitos, é onde os catadores de rua têm reunido materiais recicláveis durante o dia e dormido perto dos seus carrinhos durante a noite.

Dona Maria Brás anda uns quarteirões e espera o sinal verde para atravessar a avenida. À sua esquerda fica um depósito tradicional, igual aos depósitos onde ela trabalhou como catadora de rua.

Catadores chegam ao depósito com carrinhos feitos à mão e se juntam na calçada em filas caóticas para pesar a coleta do dia, pela qual normalmente recebem 15 reais. Uns catadores têm poucos dentes (perdidos) e algumas cicatrizes pelo corpo. Alguns dias antes, um catador de rua me avisou que os depósitos são cheios de bêbados e de loucos. Mas também tem gente boa, ele disse.

Da calçada onde ela espera, vê-se a placa no outro lado da avenida. Pintada em letras enormes na parede de concreto, contrastando com as nuvens de verão: **ASMARE.**

Dentro do galpão, seus colegas de trabalho, vestidos com camisas azuis nas quais está escrito **ASMARE**, empurram seus carrinhos de madeira, feitos no local. Os carrinhos são bem maiores que os catadores, e cheios de papel e plástico obstruem a porta de entrada.

Dona Maria Brás conhece esses depósitos bem, mas ela está indo a outro lugar. Da calçada onde ela espera, vê-se a placa no outro lado da avenida. Pintada em letras enormes na parede de concreto, contrastando com as nuvens de verão: **ASMARE**. É um acrônimo que significa *Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável*. É uma das primeiras associações de catadores formada no Brasil.

Dentro do galpão, seus colegas de trabalho, vestidos com camisas azuis nas quais está escrito **ASMARE**, empurram seus carrinhos de madeira, feitos no local. Os carrinhos são bem maiores que os catadores, e cheios de papel e plástico obstruem a porta de entrada. Outros triam montanhas de materiais empilhados pelo chão. Uma menina com menos de quatro anos, laços e rabo de cavalo passa segurando escova de dente em uma mão e, na outra, a mão de uma catadora. Um catador adolescente, cansado, senta em cima de um barril de cabeça pra baixo, seus pés pendentes. A cena não é tão diferente da cena no outro lado da avenida – os catadores da **ASMARE** foram catadores independentes como os que estão na fila do depósito.

Mas a diferença é enorme. Na **ASMARE** eles têm seu próprio galpão onde trabalham e vendem o que ganham como um grupo. Eles ainda catam materiais recicláveis na rua todo dia, mas agora eles os trazem ao galpão para vender em grandes quantidades a preços melhores do que poderiam conseguir sozinhos. No segundo galpão da **ASMARE**, a poucos quarteirões de distância, e também em outras associações, caminhões municipais esvaziam cargas de materiais que foram coletados pela rua. São operações caóticas, barulhentas e poeirentas. Os catadores estão sempre triando sob pilhas de materiais recicláveis que nunca acabam, como Sísifo levando pedras morro acima.



Um dos colegas de Dona Maria na **ASMARE** puxando um carrinho. Foto: D. Tsoutouras

Os catadores existem no Brasil há mais de cinquenta anos, mas foi em 1990, com a formação da ASMARE, que eles começaram a primeira experiência de se organizar. Desde então, catadores em todo o País têm desenvolvido acordos formais com municípios, estabelecendo-se como os prestadores de serviços de reciclagem em centenas de cidades. Nos últimos sete anos, somente em Belo Horizonte, oito associações novas foram criadas. Em todo o Brasil existem aproximadamente 500, conforme o Movimento Nacional de Catadores – e o número continua crescendo.

À medida que o sol aquece a cidade e o turno da manhã começa, os catadores da ASMARE oferecem uns aos outros pão e café. Alguns formam um círculo ao redor de uma pilha de papel no chão. Outros pegam caixas vazias e baldes de tinta para sentar e triar, curvados sobre o seu trabalho. Mais associados chegam e o círculo se abre. Logo há dez pessoas; suas mãos, coletivamente, alcançam o centro da pilha à procura dos melhores materiais. Os catadores provocam-se mutuamente enquanto fazem a triagem. Uns são envolvidos romanticamente, alguns são mães, filhas e filhos, e outros irmãos.

Catadores como Dona Maria Brás são orgulhosos do fato de fazer parte de associações e tiveram um papel decisivo na criação do movimento. Dona Maria Brás e outros fizeram parte do que Fátima Abreu – que trabalhou para o governo no começo dos anos 1990 – chamou de uma “experiência revolucionária”. Mas muitos catadores que fizeram parte daquela experiência pensam que não foi suficiente.

Por enquanto a cidade paga pelo aluguel, o gás e a eletricidade. Os catadores precisam competir por subsídios privados e do governo para poder comprar melhores equipamentos. Muitos dos seus equipamentos estão caindo aos pedaços e afetam sua produtividade. E produtividade é tudo porque o que eles ganham depende do que vendem. Os preços também significam muito. O dinheiro que eles ganham vendendo materiais recicláveis aos intermediários não oferece uma fonte de renda estável – os preços de materiais recicláveis estão em flutuação constante. O objetivo dos catadores, em longo prazo, é serem tratados como funcionários municipais que são contratados com benefícios, refletindo a sua prestação de serviço à cidade.

A maioria dos catadores diz que ser sócio de uma associação tem melhorado a vida. Uns passaram da vida de sem teto e da condição de analfabetos a papéis de liderança que têm dado chances a eles de participar de conferências mundiais. Hoje eles têm um poder enorme.

“Muitos anos atrás, os catadores eram invisíveis, até para os sociólogos”, disse Sonia Dias, uma socióloga que inventou a palavra “lixóloga” – alguém que é especialista no assunto de lixo. Ela descreve a sua profissão assim:

“Naquele tempo, ninguém falava sobre os catadores”, ela disse, referindo-se ao tempo antes da formação da ASMARE. “Quando engenheiros pensavam em lixo, era só nos aspectos técnicos e administrativos – lixo era lixo.”

Como muitas pessoas que trabalham com catadores, a arte que adorna a casa de Dias é feita de materiais reaproveitáveis por catadores: um mapa da África feito de pedaços de latinha, uma mesa construída na oficina de carpintaria, um Buda de papel-machê. Dias frequenta o bar e o restaurante

Catadores como Dona Maria Brás são orgulhosos do fato de fazer parte de associações e tiveram um papel decisivo na criação do movimento. Dona Maria Brás e outros fizeram parte do que Fátima Abreu – que trabalhou para o governo no começo dos anos 1990 – chamou de uma “experiência revolucionária”. Mas muitos catadores que fizeram parte daquela experiência pensam que não foi suficiente.

A cidade iria pagar o aluguel e eletricidade de um galpão. Na mesma época, a cidade alterou a sua Lei Orgânica para dizer que os catadores devem ter prioridade para a coleta de materiais recicláveis. A ASMARE começou com 20 associados.

da ASMARE, chamados de Reciclo 1 e 2 – onde catadores trabalham e vendem a sua arte feita de materiais reaproveitáveis. Esses também são lugares populares para assistir apresentações musicais de samba.

Em 1973 a cidade fechou o seu lixão depois que um desmoronamento matou dezenas de catadores que trabalhavam e viviam nele. Foi construído um aterro sanitário em seu lugar. Os catadores que trabalhavam no lixão foram banidos do novo aterro sanitário, então muitos começaram a catar materiais recicláveis nas ruas da cidade. “O governo não gostou do crescimento de catadores nas suas ruas”, disse Dias.

Mas, com uma mudança no governo da cidade, veio a “experiência revolucionária”. Com a ajuda das freiras da arquidiocese católica e outros militantes, que viam o abuso de drogas, a falta de moradia e a doença mental, muitas vezes originados da profissão, a cidade assinou um acordo com os catadores em 1993. A cidade iria pagar o aluguel e a eletricidade de um galpão. Na mesma época, a cidade alterou a sua Lei Orgânica para dizer que os catadores devem ter prioridade para a coleta de materiais recicláveis. A ASMARE começou com 20 associados. Hoje, tem quase 300.

Na década passada o governo de Belo Horizonte ajudou na criação de oito associações de catadores. Em 2003, chamou os desempregados - e especialmente mães solteiras – para trabalhar nas associações. Pessoas que nunca tinham trabalhado como catadores antes começaram a triar materiais recicláveis nas novas associações. Os caminhões que coletam materiais de porta em porta começaram a coletar materiais recicláveis de trinta bairros na cidade e os deixavam com as associações, onde os catadores os triavam.



Plásticos são derretidos para fazer pellets Foto: L. Tuttle

Enquanto o número de associações em Belo Horizonte cresceu, a ASMARE continuou expandindo. Começou a se aliar com outras associações no estado e formou uma rede chamada CATAUNIDOS. Em vez de vender seus materiais individualmente, as nove associações começaram a vender em quantidades maiores, combinando os materiais para que eles pudessem ser vendidos a preços melhores a grandes compradores. Então a CATAUNIDOS abriu a primeira fábrica de plástico na América Latina dirigida por catadores. Os trabalhadores derretem o plástico que chega das associações e o transformam em pelotas para vender aos produtores. O objetivo é eventualmente fechar o ciclo de produção com a fabricação de mangueiras e baldes feito das pelotas de plástico.



Nesta tarde a ASMARE fica calada, com exceção de um cachorro magro que rosna para as pessoas desconhecidas e o som constante de ratos pulando sobre pilhas de materiais. Os catadores estão congregados num lado do galpão, na sala de reuniões. Dentro, vozes sobem e soltam-se palavrões. O debate é sobre papel branco. Os catadores recebem notícias de que a companhia que compra seu papel branco está ameaçando abaixar os preços de 10 centavos por quilo porque, diz a companhia, está chegando cheio de grampos, cola e outros materiais. Não tem nenhuma máquina que separe essas partes difíceis do todo – somente duras mãos humanas que preferem não usar luvas porque, deste jeito, eles podem sentir os materiais mais nitidamente.

O fluxo dos preços é uma luta constante para os catadores – tanto para os independentes quanto para os que trabalham em associações. Mas, para o segundo grupo – cujo objetivo tem sido melhorar as suas condições econômicas, a flutuação constante é ainda mais irônica.

As associações têm levado os catadores à linha de frente das lutas sociais no Brasil, trazendo a promessa de dignidade e estabilidade para os que uma vez trabalhavam e dormiam nas ruas, ameaçados de perseguição pela polícia. Lula fez dos catadores uma prioridade, assinando leis que autorizem financiamentos para as associações e garantam moradia e educação para os trabalhadores e suas famílias.

E ainda os catadores que trabalham nas associações têm pouca estabilidade financeira. O Brasil milagrosamente escapou à crise econômica global – o desemprego ficou baixo e as pessoas consumiram muito –, mas os catadores sofreram como o resto do mundo. Mesmo entre os trabalhadores informais, eles sofreram o maior declínio econômico, conforme a publicação “Sem Almofadas para amortecer a crise: a crise econômica global e os trabalhadores informais”, um estudo da rede global Mulheres no Trabalho Informal: Globalizando e Organizando (WIEGO). As montanhas de plástico, alumínio, e papel continuaram a crescer, mas os preços das matérias-primas continuaram a cair – e também os salários dos catadores.

Depois da crise, os preços subiram aos poucos e os catadores, que tinham visto uma explosão na área de reciclagem antes da crise, ainda estavam lutando com o resultado daquele susto. Não tinham sistema de apoio para minimizar o golpe se os preços caíssem de novo.

Os catadores recebem notícias que a companhia que compra seu papel branco está ameaçando abaixar os preços de 10 centavos por quilo porque, diz a companhia, estão chegando cheio de grampos, cola e outros materiais.

Dona Maria Brás é uma das fundadoras da ASMARE. “Uma pedra que não pode sair até que eu morra,” ela diz com orgulho. O nome dela está pintado em letras azuis sobre uma das paredes da ASMARE.

Alguns catadores entram e saem agitados da sala de encontros. Mas Dona Maria Brás fica de fora do debate, quietamente sozinha dentro de um armário, escondida numa sala, cheia de montanhas de papel.

Dona Maria Brás é uma das fundadoras da ASMARE. “Uma pedra que não pode sair até que eu morra”, ela diz com orgulho. O nome dela está pintado em letras azuis sobre uma das paredes da ASMARE.

No final da reunião, ela sai do seu lugar e diz que a sua coluna está doendo. Ela já trabalhou quase todo o seu turno, triando debaixo do teto do galpão por dez horas. O resto do seu dia envolve empurrar um carrinho enorme pela rua e recolher materiais recicláveis de empresas e apartamentos. Um trabalho que, segundo ela, é mais fácil do que parece.

“Carregar o peso do carrinho não é tão difícil”, diz ela. “Você precisa aprender como segurar o peso direito”. Então a coluna dela não está doendo pelo fato de carregar o carrinho pra cima e pra baixo, mas pela triagem, um trabalho que exige que a coluna fique dobrada muitas horas. Dona Maria pede para uma das suas colegas assumir o resto do seu turno para que ela possa voltar para casa logo.

Vinte anos atrás, voltar para casa todo dia era um luxo que Dona Maria não tinha. Ela se lembra dessa vida enquanto recolhe os seus bens. Ela dormia, como muitos catadores independentes, num acampamento debaixo de um viaduto na Avenida do Contorno. Levar o carrinho no ônibus todo dia era impossível. O carrinho não cabia no ônibus e não tinha lugar seguro onde deixá-lo durante a noite. Fazia mais sentido ficar na rua, onde ela podia dormir perto do seu carrinho e vender os materiais que coletava para os depósitos durante a semana. No acampamento, Dona Maria e seus vizinhos faziam camas de papelão, acendiam um fogo, e bebiam cachaça para enfrentar o próximo dia.

Dona Maria Brás senta-se num balde enquanto espera seu namorado – um negro alto, magro e bonito chamado José Carlos, ou Fumaça – que também trabalha na ASMARE. Mais companheiros do que namorados, ela conta, os



Viver na rua permitia a Dona Maria dormir junto ao seu carrinho. Foto: S. Dias

dois se conheceram nos primeiros dias de ASMARE. Nesse tempo Dona Maria já tinha trabalhado 12 anos como catadora independente. Seu primeiro marido morreu de câncer e faz muitos anos que ela deixou o seu segundo marido. Como mãe solteira, lutou para cuidar dos filhos.

“Se eu fosse trabalhar num ambiente fechado, eu teria que pagar alguém para cuidar das crianças”, ela disse. Era um serviço que ela não podia pagar. Uma amiga a convenceu a vender materiais recicláveis.

Existe certo tipo de pessoa que acaba trabalhando como catador, muitos dizem. Muitas vezes são pessoas que já tentaram trabalhar em outros empregos, onde tinham chefes e não aguentavam obedecer a ordens. Outras vezes são pessoas que não aguentam trabalhar dentro de um escritório, pessoas ferozmente independentes. Alguns são viciados em álcool ou drogas. Outros, como Dona Maria, vêm de famílias pobres e acham que trabalhar na catação é um jeito digno de sustentar a família.

“Eu sei de um jeito que você pode cuidar dos seus filhos sem ficar longe deles”, Dona Maria Brás relembra sua amiga catadora falando para ela nos anos 1970. “Vem para a rua comigo. Eu mexo com materiais recicláveis. Eu te ensino”.

Quando as crianças ainda eram pequenas, Dona Maria as levava para trabalhar e dormir do lado dela no acampamento. Eventualmente, com a ajuda de um grupo católico, ela conseguiu comprar um lote num bairro distante e construiu uma casa. Embora continuasse a trabalhar como catadora e a morar no acampamento. Quando os seus filhos mais velhos se tornaram adolescentes, ela os deixava em casa durante a semana. Nos finais de semanas ela guardava o seu carrinho no depósito onde vendia os seus materiais e pegava o ônibus para a casa para poder estar com as crianças. Para Dona Maria Brás, a rua acabou sendo um lugar acolhedor e as pessoas que trabalhavam no mesmo acampamento eram prestativas. “Quando um sofria, todo mundo ajudava. O apoio moral era coletivo”, diz. Mas a sociedade não ofereceu as mesmas proteções.

Os intermediários, para quem os catadores vendiam seus materiais, pagavam muito pouco. No final do ano, lembra Dona Maria Brás, a única coisa que os catadores podiam levar para casa era uma garrafa de vinho ruim ou pinga. “A gente não era visto como trabalhadores, como pessoas”, diz ela. “Nós (*sic*) era perseguido por todo nível do governo”.

Tensões aumentaram quando Dona Maria Brás e outros catadores ocuparam um lote abandonado perto do centro. Começaram a usá-lo como base de operações, trazendo seus materiais para triarem e dormindo ali à noite. A prefeitura tentou tirá-los de lá. Alguns se lembram dos policiais chegando e borrifando-os e a seus materiais com mangueiras de água. Membros da igreja católica começaram a aparecer. Dirigiam uma van, buscavam os moradores de rua e os levavam para albergues, Dona Maria Brás lembra. “E daí eles começaram a descobrir o sofrimento dos catadores”.

No começo Dona Maria Brás e seus colegas eram céticos sobre as boas intenções das freiras e dos assistentes sociais que chegavam para ajudar. “Naquela época a gente tinha muito medo e era rebelde”, ela diz. “Quando víamos alguém chegando com roupa arrumada e uma prancheta, a gente

Para Dona Maria Brás, a rua acabou sendo um lugar acolhedor e as pessoas que trabalhavam no mesmo acampamento eram prestativas. “Quando um sofria, todo mundo ajudava. O apoio moral era coletivo”, diz. Mas a sociedade não ofereceu as mesmas proteções.

A mulher que está organizando a sessão de manhã começa a triar um saco cheio de papel branco. O intermediário falou que tinha muita cola no material, então a mulher começa a rasgar livros inteiros para tirar a encadernação. Tem cadernos com capas de plástico e fotografias. Ela puxa o papel do que não é papel. Depois de um tempo, os dedos começam a doer de tanto puxar e agarrar. As mãos ficam cheias de pequenos cortes. Sangue se mistura com sujeira e óleo. O pó do lixo entra no nariz e os olhos ardem.

achava que era alguém da prefeitura vindo para dar multa e tirar as nossas coisas. A gente pegava uma faca ou um pau”.

Enquanto os catadores se dispersam por todas as partes do galpão e saem às ruas, Dona Maria Brás e alguns outros se juntam num círculo dentro do galpão. Uma catadora chateada com a ameaça contra o preço do papel branco sugere que todo mundo chegue às sete horas da manhã no próximo dia para limpar o papel. “Vocês vão chegar cedo amanhã?”, ela pergunta às caras tensas ao seu redor. Alguns concordam relutantemente.

“Precisamos fazer isso pra mostrar que tentamos”, diz Dona Maria Brás. A ideia é que todo mundo vá trabalhar mais para tirar as impurezas e, aí, se possa persuadir o comprador a não baixar o preço.

Um catador robusto, energético, chega ao grupo carregando dois sacos de plástico enormes. “Não vou fazer nada”, reclama. “É corrupção... eles tão (*sic*) fazendo todo mundo ficar estressado e trabalhando demais. Não vale a pena”.

Uma moça com cara de adolescente, mas que já tem filhos, revira os olhos quando ele passa. “Tem algumas frutas podres por aqui”, ela diz. De repente cobre a boca com as mãos, com vergonha de ter falado demais.

A mulher que está organizando a sessão de manhã começa a triar um saco cheio de papel branco. O intermediário falou que tinha muita cola no material, então a mulher começa a rasgar livros inteiros para tirar a encadernação. Tem cadernos com capas de plástico e fotografias. Ela puxa o papel do que não é papel. Depois de um tempo, os dedos começam a doer de tanto puxar e agarrar. As mãos ficam cheias de pequenos cortes. Sangue se mistura com sujeira e óleo. O pó do lixo entra no nariz e os olhos ardem. A triagem é realizada na maioria das vezes pelas mulheres dessas associações. Muitas delas preferem o trabalho estável e meticuloso a empurrar carrinhos pesados ou o trabalho vigoroso de amassar plásticos na prensa. Algumas mulheres até falam que a triagem é uma terapia, pois tira a mente da vida difícil de casa, com todas as responsabilidades.

Dona Maria Brás está pronta para ir. Entra no vestiário – um costume no final do dia – e toma banho. Dentro do vestiário, a risada das catadoras ecoa enquanto elas se preparam para sair do trabalho, felizes. Dona Maria Brás emerge limpa, vestida com uma blusa modesta e calça verde, carregando um saco de plástico com a sua roupa suja. Outras trabalhadoras saem do vestiário com maquiagem e saltos altos – irreconhecíveis – e preparam-se para subir as ruas centrais da cidade.



Antes de sair da ASMARE, Dona Maria Brás e Fumaça pegam uma caixa de feijão que foi doada à associação. Enquanto eles se preparam para sair, um rato corre pelo asfalto. Fumaça chuta-o, põe numa caixa e quando atravessa a Contorno, o joga no Rio Arrudas, que o leva para o leste.

No caminho para casa há mecânicas de carros e motocicletas, lojas de eletrônicos, pneus, igrejas evangélicas e bares com clientes sentados em

cadeiras de plástico bebendo cerveja na brisa do começo da noite. O sol se põe sobre o tráfego que para e anda de ônibus e caminhões, transformando o céu manchado de fumaça em um horizonte belo. Dona Maria Brás dorme, a cabeça pendendo. Ainda tem mais um ônibus para pegar.

“A partir do dia 9 de janeiro, mais rapidez e economia para quem anda de ônibus na região do Barreiro”, diz uma placa dentro do ônibus. Muitas pessoas que não podem pagar para morar na região central chegam ao trabalho de ônibus de outras regiões, muitas vezes pegando vários ônibus por dia e pagando por cada um. O Barreiro é um desses bairros distantes. Dona Maria Brás e Fumaça fazem essa viagem todos os dias. Eles têm a sorte de ser sócios da ASMARE, onde recebem passagens gratuitas de ônibus como parte dos seus poucos benefícios.

Quando o ônibus para, os dois atravessam a rua e entram numa estação onde vão pegar o próximo. O primeiro ônibus que chega está lotado demais e Dona Maria Brás fala que não pode ficar em pé por causa da dor na coluna, então o casal decide esperar na fila para o próximo. O ônibus os deixa perto de casa. Demoram quase duas horas para chegar. Mas, antes de entrar em casa, Fumaça fala que vai para o mercado. Dona Maria Brás pede para ele trazer uma garrafa de Guaraná. “Ele vai beber cachaça”, diz ela, e chega ao portão da casa. “Não julga a gente. Nós somos pobres”,

Ela coloca suas coisas no chão e começa a tirar as panelas já cheias de arroz e feijão que cozinha nos finais de semana, pois sempre falta tempo para preparar comida durante a semana. Durante a semana, o casal chega à casa às dez horas da noite. Acordam às 5h30 da manhã.

Sentada no sofá, Dona Maria Brás fatia tomates e cebolas, joga vinagre e sal em cima. Ela fritou pedaços de carne enlatada e liga a televisão. No momento em que desligou o fogão, Fumaça está vacilando para dentro da cozinha com a garrafa de Guaraná. Ela exige que ele faça o prato. “Você sabe, não como bem”, diz Fumaça. “O que ele faz bem é beber”, diz ela. Fumaça faz o prato e se senta no sofá.

“Aqui é casa de pobre”, ele disse. “Mas nós vamos conseguir um apartamento daqui a pouco”. Estão na lista de espera do Programa Bolsa-Moradia. Eles querem morar num lugar melhor. Aqui, o mofo preto sobe pelas paredes, janelas e pelo teto. Pedacos de tinta mofados caem do teto na cama. O ar é grosso e difícil de respirar.

Fumaça ainda tem energia e, enquanto janta, se lembra da vez que viajou a São Paulo com centenas de outros catadores do mundo todo para assistir a uma conferência. Ele se lembra de escrever notas sobre a tecnologia de biogás, extraído do metano e do carbono produzido em aterros sanitários. Aprendeu sobre o movimento contra a incineração, um processo que ameaça o trabalho dos catadores e que é muito poluente.

Fumaça assiste a Big Brother, um programa de realidade em que os personagens principais moram isolados da sociedade e são constantemente vistos por câmeras de vídeo. Ele muda o canal para uma novela sobre uma mulher paralisada da cintura para baixo. O homem que a ama tem que defender a paixão que sente e contrariar a mãe protetora e controladora

Fumaça ainda tem energia e enquanto janta, se lembra da vez que viajou a São Paulo com centenas de outros catadores do mundo todo para assistir a uma conferência. Ele se lembra de escrever notas sobre a tecnologia de biogás, extraído do metano e do carbono produzido em aterros sanitários. Aprendeu sobre o movimento contra a incineração, um processo que ameaça o trabalho dos catadores e que é muito poluente.

“Ela foi uma liderança cujas canções alegres ainda ecoam na minha mente, cuja força e determinação de lutar ao lado de seus companheiros catadores inspirou a muitos. Quando eu penso no prazer que ela demonstrava nos vários desfiles dos carnavais de catadores que dançamos juntas, eu reforço a convicção de que a luta dos catadores por cidadania é uma luta de cidadania para todos nós”.

– Sonia Dias

preocupada com o status social. Um pouco antes da meia noite, Dona Maria Brás, vestida de roupa de rua, adormece num colchão no chão.

Dona Maria Brás falou do trabalho na ASMARE: “Sou uma pedra aqui. Vou sair só quando morrer”. As palavras provaram ser corretas. Em março de 2011, depois que ela e Fumaça tinham mudado para o apartamento novo, Dona Maria Brás morreu de um ataque cardíaco.

Na manhã do velório, os catadores da ASMARE se reuniram no galpão. Eles organizaram e pagaram dois ônibus e uma van para os levarem à igreja no Barreiro que Dona Maria Brás frequentava. Quatro carros com familiares e amigos seguiram a procissão. “As pessoas estavam muito emocionadas”, disse o catador Luiz Henrique da Silva. “Ela foi uma das fundadoras e deu força para a ASMARE”.

Godoy, presidente da ASMARE e catador, disse que a associação parou de trabalhar no dia da sua morte e também no do serviço. “Foi um dia difícil. Ninguém esperava”, disse Godoy pelo telefone. “Mas são coisas da vida. Vamos continuar fazendo o que a Dona Maria Brás fazia. Ela sempre foi lutadora”.

Os filhos dela continuam trabalhando na ASMARE. Fumaça tem recebido aconselhamento para o alcoolismo. Trabalhar para uma associação significa ajudar os outros em tempo de crise. Os associados têm contribuído com dinheiro para a família de Dona Maria Brás e trouxeram psicólogos para aconselhar os parentes que ela deixou.



Dona Maria Brás com seu filho. Foto: S. Dias



Women in Informal Employment
Globalizing and Organizing

SOBRE A WIEGO: Mulheres no Trabalho Informal: Globalizando e Organizando é uma rede global de pesquisa-ação-políticas que busca melhorar as condições de vida e trabalho dos trabalhadores pobres, especialmente mulheres, na economia informal. WIEGO tem como membros afiliados: organizações de base dos trabalhadores informais, pesquisadores e estatísticos que trabalham sobre a economia informal, e profissionais de agência de desenvolvimento com interesse nesta temática. Para mais informações veja www.wiego.org.